



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



**UFSC NA MÍDIA – CLIPPING**  
**20, 21 e 22 de abril de 2013**

## Diário Catarinense - Serviço

### "Seleção"

UFSC / Inscrições / Processo Seletivo Unificado / Professor Visitante / Programa de Pós-Graduação em Filosofia / Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

• **Seleção** – A UFSC está com inscrições abertas para o Processo Seletivo Simplificado que visa preencher duas vagas para professor visitante, por tempo determinado, para os programas de pós-graduação em Filosofia e em Jornalismo. Inscrições até o dia 26 de abril, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h, e das 14h às 18h, na Secretaria dos respectivos Programas de Pós-Graduação. Edital em segesp. ufsc.br.

## A Notícia - Portal

### "No meio do mato"

Casa em enxaimel / Campus da UFSC em Joinville / Restauração / Diretor do Campus, Fernando Calil / Prefeito Udo Döhler



## Diário Catarinense – Leandro Puchalski

### "Simpósio de Climatologia"

Florianópolis / Simpósio Internacional de Climatologia / Alunos de Oceanografia da UFSC / Impactos das mudanças climáticas / 5º Encontro Sul Brasileiro de Meteorologia / 15º Congresso Latino-Americano e Ibérico de Meteorologia da Flismet

**Leandro Puchalski**  
leandro.puchalski@rbstv.com.br

### Simpósio de Climatologia

Olá a todos os meteoros! No mês de setembro teremos aqui no Estado, na Capital, o Simpósio Internacional de Climatologia. O enfoque deste ano será Interação Oceano-Atmosfera, inclusive com participação de alunos de Oceanografia da UFSC. Talvez aqui esteja a grande importância deste evento, já que no Brasil estamos apenas começando a considerar a importância do oceano para o entendimento dos impactos das mudanças climáticas. É preciso que os oceanos recebam maior atenção, já que sabemos por estudos científicos que o comportamento deles é que determina a qualidade do clima em uma determinada estação do ano.

### Benefícios do evento para o Estado

Um evento como este dentro de Santa Catarina é fundamental do ponto de vista de mitigação e prevenção, tendo importante custo econômico e social. Dentro deste simpósio, teremos ainda o 5º Encontro Sul Brasileiro de Meteorologia e o 15º Congresso Latino-Americano e Ibérico de Meteorologia da Flismet. O site oficial do Simpósio Internacional de Climatologia é: <http://www.sic2013.com>.

## Notícias do Dia

### Região

“Lição de cidadania”

Dia do índio / Aldeia Mymbaroká / Sorocaba, interior de Biguaçu / Eleição de Vereador e suplente mirim / Câmara de Vereadores de Biguaçu / Projeto Câmara Mirim / Cacique José Benites / Estudante de Direito da UFSC / Conselho Estadual dos Povos Indígenas

# Lição de cidadania

**Dia do Índio. Aldeia Mymbaroká elege vereador mirim**

LETÍCIA MATHIAS

leticiam@noticiasdodia.com.br

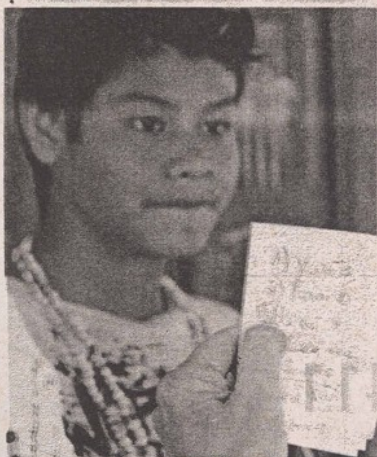
@leticiam\_ND

Uma lição de cidadania. Foi dessa forma que o Dia do Índio, comemorado nesse 19 de abril, foi festejado na aldeia Mymbaroká, em Sorocaba, interior de Biguaçu, a pouco mais de 30 km da cidade. Em meio a músicas e danças, as crianças e adolescentes que vivem na comunidade guarani, com cerca de 80 pessoas, elegeram um vereador e um suplente mirim que os representarão na Câmara de Biguaçu no projeto Câmara Mirim.

A votação foi por meio de cédulas de papel e três, dos seis candidatos, eram meninas. Mas o escolhido dos 20 eleitores, que têm idade entre quatro e 16 anos, foi Márcio Mariano, 15 anos, mais conhecido como Karai, seu nome em guarani. O cargo de suplente ficou com Ricardo da Silva, 13. A primeira a votar foi a pequena Stefani, de 4 anos. Em um discurso tímido novo representante disse que pretende mostrar a cultura do seu povo para outros jovens e lutar pela conquista de uma escola e um campo de futebol para lazer na aldeia.

Hoje eles têm aulas em um salão improvisado que não possui estrutura adequada. Os professores são quatro índios da própria tribo com formação de Magistério contratados pelo Estado, que disponibiliza materiais e recursos para a educação na comunidade. Do primeiro ao terceiro ano as crianças só aprendem a ler e escrever o guarani. Do quarto ano em diante eles têm as aulas semelhantes às da grade curricular das escolas públicas, mas tudo é ensinado de maneira que o conhecimento possa ser aplicado na comunidade e à cultura indígena.

Mariano e o suplente participaram de reuniões na Câmara de Vereadores de Biguaçu na última quarta-feira de cada mês e terão aulas sobre cidadania, meio ambiente e outros temas relacionados à cidade e sua comunidade.



Lista. Pequenos eleitores escolheram entre seis nomes



FOTO: DIBORA KLEMPHOF/ND

Índio também vota. A pequena indiazinha foi a primeira a exercer sua vontade na escolha do representante da aldeia na Câmara

## Proposta educativa para conscientizar os futuros cidadãos

A proposta da Câmara Mirim é educativa e não política. É o que garante o presidente da Câmara de Biguaçu, vereador Manoel Ailton Pereira. “Queremos integrar as comunidades”, explica. Mesmo que alguns dos eleitores não tenham compreendido o objetivo do projeto, o cacique José Benites, que é presidente do Conselho Estadual dos Povos

Indígenas e estudante de Direito da UFSC, acredita que é importante incentivá-los para que reflitam sobre o assunto no futuro.

Além da sua aldeia, o cacique representa outros 12 mil índios xokleng e kaingang. Ele resolveu fazer Magistério em 1997 pela necessidade de estudar para que os guarani tivessem educação “do jeito guarani

de ser”. A opção pelo curso do Direito ocorreu da mesma forma. “O Direito já faz parte da minha vida há muito tempo. Estou na constante luta pelos direitos do meu povo e chegar à UFSC é a realização de um sonho”, contou.

A comunidade vive da agricultura e da venda de artesanatos. Todos falam guarani, a maioria entende, mas nem todos falam o português.

“  
Hoje  
vivemos  
dois  
mundos.  
Não  
proibimos  
nada, mas  
sempre  
falamos  
sobre como  
preservar  
nossas  
raízes.”

”  
JOSÉ BENITES,  
CACIQUE

## Luta para manter as tradições

Apesar de isolada, a comunidade sofre influência da cidade, inclusive nas roupas e acessórios. Muitas casas têm televisão e o cacique conta que isso tem mexido com a cabeça dos índios, principalmente com os jovens. Em vez de alargadores de madeira nas orelhas, por exemplo, alguns adolescentes usavam acessórios iguais aos da cidade, com brilhos, de material sintético. “Hoje vivemos em dois mundos. Não proibimos nada, mas sempre conversamos sobre a importância de preservar nossas raízes, nossa cultura”, afirmou o cacique.

O cacique vê nesta data uma oportunidade de manifestar e reivindicar as necessidades do seu povo.



Dança. Sexta-feira foi dia de festa na aldeia guarani em Sorocaba, Biguaçu

## Notícias do Dia Cidade

### "Gestores da informação"

Vestibular da UFSC / Curso de Biblioteconomia da UFSC / Professora Magda Chagas / Evolução da tecnologia / Mudanças no perfil do curso / Empresa Knowtec

# Gestores da informação

## Profissão. Novos bibliotecários têm perfil jovem e passarão a atuar além das prateleiras repletas de livros

LETÍCIA MATHIAS

leticiam@noticiasdodia.com.br

@leticiam\_ND

Quando Camila Meneghetti, 21 anos, se inscreveu para o vestibular da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), imaginou que após se formar em biblioteconomia passaria os dias em uma biblioteca silenciosa e teria uma rotina pacata. Hoje, a bibliotecária trabalha oito horas por dia, atende mais de dez clientes e tem uma rotina agitada e dinâmica. O ambiente de trabalho é totalmente diferente do estereótipo comum.

No intervalo, entre um relatório e outro, ela e os colegas podem até se divertir jogando sinuca. Camila não mudou de profissão e há dois anos exerce exatamente as funções que aprendeu na graduação. A necessidade da gestão de informações do mercado atual é que ampliou as possibilidades do bibliotecário.

O curso de biblioteconomia da UFSC completa quatro décadas de ensino este ano. Mas, diferente de quando iniciou, o perfil da

graduação atualmente é dinâmico e tem diferentes áreas de atuação.

As mudanças começaram a ficar mais evidentes nos últimos 15 anos, principalmente por causa da evolução da tecnologia, segundo a professora Magda Chagas, 55 anos, bibliotecária desde 1980. "Quando comecei a dar aula, em 1997, os alunos eram mais velhos do que eu. Hoje, são jovens e a maioria em seu primeiro curso de graduação", diz.

O bibliotecário de hoje, além atuar nas bibliotecas, é ponto de referência nas empresas. Precisa estar inteirado de todos os setores, trabalha como articulador das informações e auxilia na pesquisa por soluções. O conceito da profissão é objetivo, tem como missão cuidar da informação e como função organizar, gerenciar, recuperar e disseminar o conhecimento. "É preciso desmistificar o papel do bibliotecário que ainda é visto como aquele quietinho, ou aquela senhora de óculos entediada pelo silêncio na biblioteca. A profissão é uma unidade viva que pulsa constantemente", definiu Magda.



### DINÂMICO

Perfil do curso de biblioteconomia mudou muito nos últimos 40 anos



Digital. Guilherme passou por bibliotecas, mas quer trabalhar com monitoramento de redes sociais



Coleta de informações. Camila Meneghetti (D) e as bibliotecárias da Knowtec

## Novos profissionais enxergam carreira promissora

Guilherme Pereira, 22 anos, concluiu a graduação em biblioteconomia há duas semanas. Assim como Camila Meneghetti, ele optou por biblioteconomia despretensiosamente, por causa do gosto pela leitura. Hoje tem certeza que escolheu a profissão certa. "Assim que os alunos começam a entender melhor a profissão acabam gostando mais dela do que quando fizeram a opção no vestibular além de ver que é possível viver bem financeiramente", opinou.

Ele já trabalhou em bibliotecas, passou por estágios e até gostou das funções que exerceu, mas não consegue se imaginar sem as plataformas digitais. Por isso, pretende trabalhar com o monitoramento de redes sociais até conquistar uma vaga em um concurso público. "O suporte digital só nos ajuda. Muita gente acha que tirou o nosso emprego, mas foi justamente ao contrário, os profissionais de TI e biblioteconomia se integram", afirma.

## Consultoria a diferentes setores

O acesso à informação está cada vez mais democratizado. A internet, os meios digitais e a tecnologia têm contribuído para este processo. Mas o gerenciamento dessas informações e a forma como lidamos com elas é que fazem a diferença. Como chegar ao objetivo de maneira prática, onde e de que maneira buscar as informações com eficácia? Os bibliotecários têm a resposta.

De uma equipe de 14 técnicos especialistas da empresa Knowtec, em Florianópolis, nove são bibliotecários, entre eles Camila Meneghetti. A empresa trabalha com a coleta estratégica de informações, pesquisa e análise de mercado para promover inteligência competitiva e inovação.

O grupo oferece consultoria a diferentes setores, do ramo calçadista ao agronegócio. A função dos bibliotecários neste processo é realizar pesquisas constantes e entregar informações que influenciem e até determinem decisões. "Nosso trabalho consiste em saber antes, levar a informação antecipada ao cliente", conta Camila. O lema é reunir, organizar e

entregar a informação. O produto final pode ser entregue de diferentes maneiras: páginas escritas, infográficos ou arquivos digitais. O modelo dependerá da escolha do cliente, de qual método considera mais eficaz para absorver a informação.

O bibliotecário pode trabalhar com qualquer coisa que precise de síntese, tudo é feito para otimizar o tempo do cliente, pesquisador ou consultor. "Informação tem em todo lugar, mas não é organizada. Nós fazemos este filtro", explica Maria Carolina Silva, 25 anos, integrante mais antiga dos bibliotecários da Knowtec, há sete anos na empresa. Ela queria fazer TI, mas encontrou na biblioteconomia uma maneira de trabalhar com novas tecnologias.

### O CURSO

Biblioteconomia na UFSC

- Duração: oito semestres
- Vagas: 40 por semestre (80 por ano)
- Candidatos/vaga: 1,5 a 1,8 nos últimos três vestibulares
- Salário médio do bibliotecário: R\$ 2.000 (início de carreira)

“Novos negócios: A era dos superprodutos”

Empresas de Joinville / Nanotecnologia / Laboratório Nacional de Nanotecnologia – LNNano / Fernando Galembeck / Professor da UFSC, Cesar Franco / Embraco / Parceria com a UFSC/ Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais – CNPEM

4 AN

SÁBADO E DOMINGO, 20 E 21 DE ABRIL DE 2013

## NOVOSnegócios

# A era dos SUPERP

**Empresas de Joinville investem e aplicam a nanotecnologia. Inovação trabalha com matérias INVISÍVEIS a olho nu em busca de mais competitividade e cuidado com o meio ambiente**

CLAUDINE NUNES  
claudine.nunes@an.com.br

A joinvilense Ciser Parafusos e Porcas deu a largada no lançamento de soluções com nanotecnologia na região Norte do Estado. A empresa anunciou ao mercado um revestimento especial que pode ser aplicado em superfícies metálicas e não metálicas com performance superior aos revestimentos atuais. Segundo o gerente de negócios e tecnologia da Ciser, Guido Ganassali, somente com a nanotecnologia foi possível dar um salto em relação aos processos atuais de revestimento superficial, ao garantir, por um preço competitivo, elevada resistência à corrosão, alto poder de adesão e ausência de resíduos tóxicos – a quantidade de solvente presente na solução varia de 3% a 5%.

A aposta foi alta. Embora não revele números, trata-se do maior investimento em pesquisa e desenvolvimento da história da Ciser e que se consolida após três anos de estudos. Inicialmente, o revestimento será usado em fixadores e também em serviço para terceiros, em peças de 40 a 50 milímetros de diâmetro. “Onde houver problemas de corrosão, podemos oferecer a nanocerâmica”, afirma Ganassali.

A tecnologia, inédita no mundo, foi desenvolvida nos Estados Unidos. O óxido de titânio e outras cerâmicas utilizadas como matéria-prima vêm da Europa, e a mistura necessária para formar o revestimento final é produzida em países asiáticos. Pelo acordo com o parceiro norte-americano, a Ciser poderá explorar o mercado da América Latina.

A meta é substituir gradualmente os revestimentos atuais pela nova tecnologia, deixando só uma margem para suprir pedidos específicos pelo modo convencional. Os custos da nanocerâmica são maiores do que no revestimento por zincagem, calcula o gerente. No entanto, são 15% a 20% menores do que no organometálico (alumina). A empresa espera ter o retorno do investimento em até quatro anos.

Um dos pontos fortes da nova solução é o controle preciso do coeficiente de atrito nos processos industriais. Sobre isso, o diretor do Laboratório Nacional de Nanotecnologia (LNNano), referência no Brasil nesta área, Fernando Galembeck, diz que estamos diante de um ótimo exemplo do poder da nanotecnologia de melhorar o que já existe.

**Para usar a nova tecnologia, a Ciser fez o maior investimento de sua história**

“Produtos antigos, como os parafusos, podem ser revestidos e aumentar o controle sobre o coeficiente de atrito, que é essencial para se parafusar e para que o parafuso não se solte, além de ter maior resistência à corrosão e ao uso. Quem não quer que os parafusos usados em carros, construção civil e em máquinas de todos os tipos tenham um desempenho cada vez melhor?”, pergunta Galembeck.

Para Ganassali, quando a nanotecnologia estiver mais desenvolvida, daqui a 50 anos, o mundo será diferente.



### Segurança e sustentabilidade

A aplicação da nanotecnologia na indústria em geral requer mudanças, principalmente, na compra de insumos, não havendo a necessidade de reequipar todo o parque fabril. Esta é a tendência para garantir a competitividade das organizações, explica o professor da UFSC, Cesar Franco.

Formar uma empresa de nanotecnologia, por sua vez, custa caro em virtude da alta tecnologia. É preciso o apoio do governo ou de universidades.

A prata é utilizada em mais de 50% dos materiais nanométricos de uso comercial por causa do alto poder de destruir bactérias. Fora da escala nanométrica, a grande concentração a torna tóxica. Mas na visão do professor Franco, como a quantidade de prata utilizada na nanotecnologia diminuiu muito, não oferece perigo. “A nanotecnologia é sustentável e segura”, garante. Estudos em vários países analisam a aplicação tanto da prata quanto de outros insumos.

Ainda não há uma regulação para este setor. Uma questão de tempo, apenas. Na visão de Franco, será um dos mais regulados dentre todas as tecnologias conhecidas, graças a conscientização sobre a sustentabilidade. Segundo ele, também há um grande esforço mundial para se criar mercados regulatórios.



**RESULTADO**  
Ganassali destaca a nanocerâmica como solução para problemas ligados à corrosão

# PRODUTOS



RODRIGO PHILIPPS

## EVOLUÇÃO

Produtos da Ciser com diferentes tecnologias. A menor peça tem revestimento com nanocerâmica

RODRIGO PHILIPPS

DIVULGAÇÃO



**NA PRÁTICA.** Embraco já aplica nanomateriais em produtos para testes dentro da fábrica

## Contagem regressiva

MARINA ANDRADE  
marina.andrade@em.com.br

Desde 2008, a Embraco estuda a nanotecnologia. De 3% a 4% do investimento em pesquisa e desenvolvimento vão para essa área, que é líder mundial no mercado de compressores para refrigeração. Hoje, a empresa conta com a parceria da Universidade Federal de SC (UFSC). Cinco engenheiros da empresa e cinco cientistas da UFSC trabalham em pesquisas para potenciais aplicações, explica o diretor de inovação da Embraco, Fábio Klein. "Em dois anos, devemos ter produtos com nanotecnologia no mercado."

Quando começou esta jornada, a Embraco preferiu comprar os nanomateriais. "Mas não sabíamos como medi-los, como mexer com eles", conta Klein. O primeiro desafio, segundo ele, foi encontrar o fornecedor. "As vezes, falam que é nanotecnologia, mas não é. Foi daí que surgiu o desafio de produzir os nanomateriais."

Agora, a empresa começa a aplicar nanomateriais para melhorar o desempenho dos produtos. Segundo Klein, a Embraco já faz testes dentro da fábrica. A aplicação poderá, também, reduzir o tamanho de peças – e, com isso, o consumo de matéria-prima – baixar a temperatura de componentes e aumentar a eficiência dos produtos.

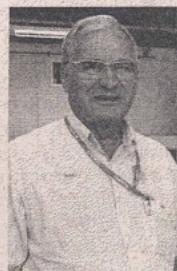
## Entrevista/Fernando Galembeck

### É preciso ser mais criativo, mas também mais crítico

O professor Fernando Galembeck é um dos maiores especialistas do Brasil em nanotecnologia. É diretor do Laboratório Nacional de Nanotecnologia (LNNano), uma das instalações que compõem o Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), em Campinas (SP), referência no tema. Para ele, é preciso ser criativo, mas também crítico em relação à nova tecnologia. A seguir, Galembeck analisa seus avanços e oportunidades.

**A Notícia – O Brasil tem avançado nas pesquisas sobre nanotecnologia?**

**Fernando Galembeck** – Existe bastante atividade de pesquisa no Brasil, incluindo parcerias com países avançados. Por exemplo, acaba de sair um artigo sobre a síntese de nanopartículas estruturadas que poderão ser úteis no diagnóstico de dengue, resultado de uma parceria Brasil-Alemanha e que ganhou a capa de uma revista inglesa publicada pela Royal Society of Chemistry. Por outro lado, em muitos casos, tem havido uma pulverização de esforços e recursos, que pode não levar a resultados importantes. Mas há bons exemplos de produtos e processos que chegaram ou estão chegando ao mercado.



GUILHERME ROBINI / CONTRASTO

**AN – Quais setores são mais promissores?**

**Galembeck** – A nanotecnologia está presente na maioria dos materiais desenvolvidos recentemente para todos os setores da indústria, agricultura e serviços. Também está presente em produtos que existem há muito tempo e que estão sendo melhorados. Um exemplo de aplicação são os compostos de borracha usados em pneus. Os setores de cosméticos, alimentos, automobilístico e de equipamentos de transporte têm sido especialmente ativos no aproveitamento. Não se fazem equipamentos eletrônicos miniaturizados sem usar semicondutores nanoestruturados.

**AN – No Brasil, a nanotecnologia já se traduz em bons negócios?**

**Galembeck** – Já provocou a criação de empresas e permitiu que empresas existentes aumentassem sua competitividade e criassem novos produtos.

**AN – De que forma a nanotecnologia pode contribuir para aumentar a sustentabilidade dos produtos e dos processos das empresas?**

**Galembeck** – A pesquisa sobre aproveitamento da biomassa, com estudos de nanoestruturas, é um bom exemplo. Hoje é possível criar novos processos de produção de nanocompósitos para atender às necessidades de empresas de muitos setores industriais e, cada vez mais, novas demandas surgem. Destaco o grande desafio de compreender as estruturas de materiais, como o bagaço de cana e outros resíduos agrícolas, para maximizar os benefícios do seu aproveitamento como matérias-primas para produção de etanol, por exemplo. As várias nanotecnologias são necessárias para que se consiga fazer a transição para uma economia sustentável, baseada em matérias-primas de fontes renováveis.

**AN – Quais os principais riscos da nanotecnologia?**

**Galembeck** – Riscos ambientais e toxicológicos sempre podem estar presentes e é preciso considerá-los desde os primeiros momentos. Espero que as empresas e pesquisadores tenham aprendido com os problemas causados pela energia nuclear, pelo amianto e outras tecnologias, para serem criativos, mas, também, críticos.

“Perigo na balada: Consumo e ecstasy cresce e expõe jovens de SC a risco”  
Ecstasy / Apelo entre jovens de classe média / Eventos de música eletrônica no litoral /  
Polícia Federal / Divisão Estadual de Investigações Criminais – Deic / Polícia Civil /  
Delegacia de Repressão a Entorpecentes da PF / Centro de Informações Toxicológicas da  
UFSC – CIT

# PERIGO NA BALADA Consumo de ecstasy cresce e expõe jovens de SC a risco

Levantamentos policiais e acadêmicos mostram que o tráfico e o uso da droga aumentaram nas festas eletrônicas do Estado

ROGÉRIO KREIDLOR

É por remeter ao clima de balada que o ecstasy – a droga apontada como causa da morte de uma adolescente de 17 anos em Joinville há uma semana – consegue ter tanto apelo entre jovens de classe média. É também pela suposta ideia de dinheiro fácil que pessoas com o mesmo perfil acabam cooptadas para importar a droga ou vendê-la nas mesmas festas em que ela é mais consumida.

A popularização de eventos de música eletrônica no litoral quase o ano inteiro faz de Santa Catarina, atualmente, o principal polo do tráfico e do consumo de ecstasy e outras drogas sintetizadas em laboratório no Brasil, afirmam a Polícia Federal e a Divisão Estadual de Investigações Criminais (Deic) da Civil.

Apreensões crescentes mostram que o Estado entrou de vez nesta rota que envolve tráfico internacional, quadrilhas especializadas e que têm as regiões de Balneário Camboriú e de Florianópolis como maiores mercados da droga em SC e no país.

Há dois anos, por exemplo, Joinville tinha apreensões de poucas dezenas de comprimidos ou “balas”, como a droga é conhecida em baladas. Recentemente, elas chegam a duas centenas. Em Balneário e Florianópolis, cada vez mais passam dos milhares de comprimidos: 30 mil em Biguaçu, em dezembro; seis mil que iam a Itajaí, dias depois; 7,5

mil em praias da região de Balneário, em março. No país, segundo a PF, as apreensões saltaram de 150 mil para 290 mil comprimidos em dois anos.

Gustavo Trevisan, responsável pela Delegacia de Repressão a entorpecentes da PF, é enfático sobre a presença do ecstasy em SC.

– O tráfico de drogas sintéticas no país, hoje, ou tem quadrilhas estabelecidas em Santa Catarina ou pelo menos alguém daqui no meio. É onde está o *know how* sobre a cadeia da droga, como trazê-la do exterior e vendê-la nas baladas eletrônicas que dominam o litoral e tem se espalhado a outras cidades – diz.

## Jovens de classe média como transportadores

O retorno financeiro da droga é o principal atrativo para que universitários e jovens de classe média exerçam o papel de mulas (transportadores do exterior para o Brasil) ou revendedores de ecstasy em festas.

Uma mochila com 30 mil comprimidos, por exemplo, pode ser comprada por R\$ 100 mil no exterior ou trocada por cocaína. Na venda no “varejo”, os mesmos comprimidos podem render R\$ 1,5 milhão, já que cada um custa até R\$ 50 ao usuário.

O uso do ecstasy não é restrito às raves – festas de música eletrônica de longa duração –, proibidas desde 2003 em SC. Hoje, o consumo se desmolda em clubes legalizados, o que desafia a prevenção e a repressão.

reportagem@diario.com.br

## A rota internacional

### A DROGA

• O princípio ativo do ecstasy é um derivado da antileptamina, substância controlada ou proibida, inibidora de apetite e estimulante.

• O comprimido, ou cápsulas (algumas com desenhos impressos), é a principal forma de ingestão.

• Faz efeito a partir de 20 minutos e pode durar até oito horas no corpo.

### AS MULAS

• É em mochilas, malas ou no forro de roupas que mulas, pessoas contratadas para trazer o ecstasy, transportam cerca de 30 mil comprimidos ou mais.

**R\$ 1,5 milhão**  
É quanto pode render uma mochila com 30 mil comprimidos na venda a usuários.

### 25 anos de prisão

É a pena máxima a quem é condenado por tráfico internacional de drogas.



## Conversa como meio de prevenção

O jovem que vai à balada pode achar que não é tão perigoso assim usar a droga às vezes. O pai, preocupado, pode pintar um cenário de terror para manter o filho longe das drogas. O excesso de confiança de um e o de medo do outro podem ser armadilhas que facilitam o estrago, alertam especialistas.

A psiquiatra especializada em crianças e adolescentes Maria Aparecida Fontana diz que é fundamental o pai ter uma relação de confiança com o filho, conhecer os pais dos amigos dele e conhecer sua vida. A psicóloga da Univille Marciane Santos vai na mesma linha e afirma que o melhor caminho é a conversa franca sobre os riscos reais das drogas, sem demonizá-las.

A informação mais importante é ter claro que o ecstasy mata, sim, na maioria dos casos por overdose, classificada como consumo de 200 mg da droga, algo como quatro ou seis comprimidos. Há relatos, porém, de morte após ingestão de um único comprimido. O mais comum é a pessoa morrer porque a droga eleva a temperatura corporal a ponto de danificar órgãos ou faz a pessoa beber tanta água que leva a inchaço do cérebro ou dos pulmões.

## O reflexo no corpo

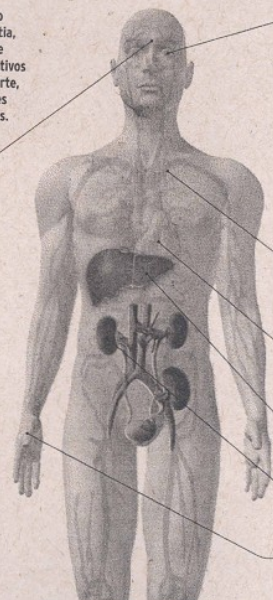
Efeitos como aumento da autoestima, simpatia, euforia e energia pode levar a sintomas negativos depois, inclusive à morte, como mostram reações estudadas por médicos.

### CÉREBRO

4 Há risco de danos psiquiátricos irreversíveis, como perda de memória, depressão, ataques de pânico e paranoia.

5 Alto consumo de água por aumento da temperatura pode levar ao coma e à morte por inchaço cerebral.

6 Bruxismo (ranger de dentes) indica perturbação por consumo em excesso da droga.



### CABEÇA

1 Pupilas ficam dilatadas e usuário pode ter alucinações.

2 Aumento da temperatura corporal provoca sede e pode levar ao excesso de consumo de água.

3 Uso abusivo pode levar à anemia, que deixa pele pálida e com feridas.

### ARTÉRIAS

7 Pressão arterial aumenta.

8 Temperatura corporal aumenta (hipertermia), podendo provocar danos a órgãos internos.

9 Ritmo do coração e da respiração aumentam, podendo levar à arritmia e insuficiência cardiorrespiratória.

10 Fígado pode parar de funcionar se o uso abusivo do ecstasy for combinado com álcool.

11 Rins também podem parar de funcionar (insuficiência renal) pelo alto consumo de água que a droga leva.

12 Tato aguçado, que incentiva o contato corporal logo após o consumo, pode dar lugar à agitação e tremedeiras com o tempo.

## Estilo de vida pode ser bor termômetro

Para especialistas, a prime forma de os pais perceberem que filho é um potencial usuário de ecstasy é o estilo de vida que ele le. Jovens frequentadores de festa de música eletrônica, em especial raves, que adotam características desses eventos como usar óculos escuros à noite e dançar até de manhã, compõem o principal perfil atendidos em SC, com intoxicação pela droga, segundo o Centro de Informações Toxicológicas (CIT) da UFSC. As companhias com o filho anda, o que pode facilitar sua relação com traficantes, é out ponto de atenção.

Mesmo conhecida como droga que não vicia, o aumento do uso já tem demonstrado casos de dependência, garante o CIT. Af os sinais são outros e mais perceptíveis como inquietação, tremedeira, ranger dos dentes, depressão ou pânico, comuns a outras drogas ilegais. Neste caso, ajuda psiquiátrica o psicoterapêutica é recomendada pelos profissionais.

Nos casos de intoxicação, a ponto de a pessoa passar mal, o correto procurar um médico e não esconder o uso da droga, para que o médico saiba como tratar o paciente.

## Diário Catarinense

Marcos Espíndola

"O papo é o pop"

Escritora e filósofa Márcia Tiburi / Programa Saia Justa / Canal GNT / Encontro Filosofia Pop / UFSC / Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Maestro e compositor Alberto Heller / Professor Marcos Carvalho Lopes / Legião Urbana / Engenheiros do Hawaii

# O PAPO É O POP

O rostinho e a verve da escritora e filósofa Márcia Tiburi são conhecidos do público que a acompanhava no programa *Saia Justa*, do GNT. E ela é uma das cabeças pensantes convidadas para a segunda edição do encontro Filosofia Pop, que promete discussões muito interessantes entre quarta e sexta-feira na UFSC. Estejam todos convidados a aparecer no auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Márcia abrirá a primeira noite, às 19h, com o tema Fundamentos de Uma Filosofia Pop. Ela está afiada com o riscado, assim como o escritor, maestro e compositor Alberto Heller, que tratará sobre a relevância ou não das fronteiras entre os clássicos e os pops, e o professor goiano Marcos Carvalho Lopes, que se dedicará a um assunto que vai elevar a temperatura dos debates e dos corações: Legião Urbana e Engenheiros do Hawaii como Filosofia.

GENARO JONER, BD, 27/01/2011





## Notícias do Dia

### Nossa Ilha

“Parque inclui Morro das Almas”

Morro das Almas / Associação dos Moradores do Alto Pantanal – Amap / Implantação do Parque Municipal do Maciço da Costeira do Pirajubaé / Sertão do Pantanal / Antena / Associação de Radioamadores de Florianópolis – Araf / Defesa Civil Estadual / Polícia Militar / Conselho Comunitário do Pantanal – CCPan / Fundação Municipal do Meio Ambiente – Floram / Câmara de Vereadores de Florianópolis / UFSC



**Nossa Ilha**  
EDITOR: Edson Rosa ■ Diagramação: Cristiane Severino

# Parque inclui morro das Almas

**Maciço da Costeira. Comunidade do Pantanal se mobiliza para implantação da unidade de conservação criada em 1980**

**Grupo prioriza regularização fundiária na área do parque**

Torre. Antena do clube de radioamadores é sinal da presença humana no alto do morro

No momento, o grupo formado também pelo CCPan (Conselho Comunitário do Pantanal), Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente), Câmara de Vereadores e UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) trabalha no levantamento para regularização da área ocupada, dentro e no entorno do parque. Segundo projeção da Amap, são 200 famílias cadastradas, ou seja, cerca de 1.200 pessoas. A água é captada de forma improvisada, com mangueiras de uma polegada instaladas em pequenas represas abaixo de água cristalina, mas sem controle sanitário.

**REPORTAGEM: EDSON ROSA**  
**FOTOS: DANIEL QUEIROZ**  
 redacao@noticiasdodia.com.br

Solitária, a antena se destaca no cocuruto do morro das Almas, topo da terceira maior cadeia de montanhas de Florianópolis e de onde se tem visão de 360° da cidade. De lá, é possível ir ao Rio Tavares ou Canto da Lagoa, chegar à nascente do poço do Córrego Grande e à Lagoa da Conceição, ou descer até a avenida Jorge Lacerda.

O resgate de antigas trilhas, a maioria utilizada corriqueiramente até pelo menos meados do século 20, época de agricultura e pecuária intensas nos sertões da Ilha, é uma das propostas da Amap (Associação dos Moradores do Alto Pantanal) ao grupo de trabalho para implantação do Parque Municipal

do Maciço da Costeira do Pirajubaé.

A intenção da comunidade é aproveitar resquícios do passado e viabilizar a prática do turismo ecológico no antigo caminho do Sertão do Pantanal. Paralelamente, conter ocupações irregulares e regenerar áreas degradadas por invasões recentes ou coivaras - roçadas seguidas de queimadas para renovação de pastagens ou plantio de cana-de-açúcar, mandioca, feijão, milho e cebola.

"Temos grande potencial histórico e turístico. No Alto Pantanal, há vestígios de pelo menos 40 engenhos de farinha e cachaça, e caminhos que, se reabertos, podem levar do Sul ao Norte da Ilha por cima da cadeia de montanhas", diz o condutor ambiental Sílvio César, 42 anos, que mora na penúltima casa da rua professora Leonor de Barros, no ca-

minho do pico do maciço e às trilhas históricas da antiga Freguesia de Trás do Monte.

No papel, o parque foi criado em 1980, para proteger 1.043 hectares remanescentes da mata atlântica no maciço da Costeira - parte da cordilheira central da Ilha. Hoje, 33 anos depois do decreto municipal, ainda não foi recategorizado pelo Snuc (Sistema Nacional de Unidades de Conservação).

Sem plano de manejo para regulamentar uso e ocupação, a encosta recortada por torres e cabos de alta tensão é coberta basicamente por gramíneas e arbustos. No caminho da antena, o que sobrou da mata atlântica primária protege desfiladeiros e penhascos que terminam numa sequência interminável de vales, quase tomados pelo crescimento urbano. E abre caminho para a descida de nascentes de água cristalina.

**Leia amanhã:**  
**Morro do Assopro**  
**ou dos Caçadores,**  
**no Maciço da Lagoa**

## Antena integra rede contra calamidades

Estratégica em casos de emergências ou calamidades públicas, a antena de 80 metros de altura montada sobre galpão de concreto e protegida por cerca de arame farpado, é uma das polêmicas dentro do grupo de trabalho para implantação do parque. Para o geógrafo Aracídio de Freitas Barbosa Neto, 30, que levou o maciço da Costeira ao TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) da UFSC, o equipamento abre precedente para ocupação do cume, como ocorreu a partir da década de 1960, no morro da Cruz, área central da cidade. "Por isso, é importante tirar o parque do papel, criar regramento e ações urbanísticas para definir a regularização fundiária", diz.

Para a Araf (Associação de Radioamadores de Florianópolis), não existe polêmica. Montada há 10 anos em terreno da entidade, em parceria com empresa privada de telefonia, a antena serve de apoio à Defesa Civil estadual e está ligada ao sistema de telecomunicações da Polícia Militar.

"Apesar dos avanços tecnológicos, é fundamental em casos de emergências e calamidades públicas", diz o diretor social da entidade, José Orlando Régis, 70. Ele cita o fuçarão "Catarina", em março de 2004, como uma das situações de utilidade pública da rede de radioamadores. Ademir Silva, 40, diretor técnico da Araf, responsável pela manutenção, explica que, além de duas repetidoras locais (UHF e VHF), o equipamento instalado no morro das Almas está ligado a outros semelhantes, no morro da Boa Vista, em Rancho Queimado. "De lá, completa a cadeia de antenas no resto do Estado", acrescenta.

## Manutenção após caminhada no morro

Periodos de chuva e descargas elétricas são os maiores obstáculos na rotina de Ademir, que não faz só a manutenção preventiva de cabos e demais componentes. "Recentemente, um raio causou avarias graves, e a rede ficou fora do ar. Foram cinco dias de trabalho ininterrupto para restabelecer o sistema", conta.

Quando o tempo ruim não permite a subida nem de veículos com tração nas quatro rodas, Ademir vai a pé ao topo da montanha. Com pelo menos 30 quilos de ferramentas e peças na mochila, leva entre 1h30 e 2h para chegar ao local de trabalho. Sem pressa, para desfrutar da vista exuberante, e degustar arações maduras que encontra pelo caminho.



Privilegio. Sílvio César mora no alto da rua Professora Leonor de Barros, e propõe projeto de turismo ecológico

Vale. Montanhas cercam áreas urbanizadas nos bairros Itacorubi, Trindade e Centro

“Contraste na saúde: Médicos buscam carreira no litoral”

Litoralização do sistema de saúde / Sistema Único de Saúde - SUS / Conselho Federal de Medicina / Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo / Organização Mundial de Saúde - OMS / Razão de médico por habitantes / Coordenador do Curso de Medicina da UFSC, Carlos Eduardo Andrade / Ambulatório do Hospital Universitário - HU / Hospital Celso Ramos / Hospital Nereu Ramos / Hospital Regional de São José / Hospital Infantil / Secretário de Estado da Saúde, Dalmo Claro de Oliveira / Hospital Regional do Oeste - HRO / Hospital Unimed de Chapecó / Universidade Federal de Pelotas / Universidade Comunitária

4

DIÁRIO CATARINENSE, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 2013

Reportagem Especial

# CONTRASTE NA SAÚDE

## Médicos buscam carreira no Litoral

Estudo comprova a chamada “litoralização” do sistema de saúde, médicos concentrados em hospitais e postos das cidades com mais de 100 mil habitantes

CAROLINA DANTAS

Sebastião Rocha, 56 anos, viaja de Quilombo, no Extremo-Oeste de Santa Catarina, para Florianópolis há 10 anos. Ele trabalhou como caminhoneiro desde a adolescência e, devido à forte claridade refletida pelo capô do veículo, desenvolveu um câncer no olho esquerdo. Não foi possível conseguir diagnóstico e tratamento na sua cidade, nem em Chapecó e Lages. Por isso, em janeiro de 2003, ele foi recebido pela equipe do Hospital Regional de São José. Sebastião perdeu as contas de quantas vezes precisou sair de casa para conseguir atendimento médico. Segundo ele, foram incontáveis, e o fizeram se hospedar em quase todas as casas de apoio da Capital. O caso dele é uma repetição do que ocorre em todo o país.

Especificamente em Santa Catarina, não há falta de médicos formados ou contratados para o Sistema Único de Saúde (SUS); o que ocorre é uma distribuição que privilegia as maiores cidades. Somente Florianópolis, Blumenau e Joinville concentram 31,32% dos 7.157 médicos em hospitais, postos de saúde e unidades médicas públicas nos 295 municípios do Estado. Os dados são do Conselho Federal de Medicina e Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Santa Catarina apresenta um índice acima do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), de um médico para cada 1000 habitantes. A razão estadual de médicos que atuam somente no SUS é de 1,13 para 1000. O número posiciona o Estado em 7º lugar nacional. Mas o próprio resultado da pesquisa revela a diferença de profissionais disponíveis para as cidades do interior e das



Fila de ambulâncias de outras cidades em frente ao Hospital Celso Ramos é cena rotineira em outras unidades da Capital

capitais, em todo o país, é sempre desproporcional. A razão de médico por habitantes é, em média, duas vezes maior na capitais do que no interior em todo o Brasil.

### Metade dos pacientes são do interior de SC

Florianópolis comprova a teoria: tem 2,54 médicos para cada 1000 habitantes, acompanhando o fenômeno da “litoralização” da saúde.

— Não existe carreira médica no serviço público. Em Florianópolis, o médico vai começar a trabalhar e ir crescendo. Porque um médico vai querer ir pro interior? Não temos uma infraestrutura montada lá — opina o coordenador do Curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, Carlos Eduardo Andrade, sobre a falta de aderência dos estudantes após a graduação.

Desde 2012, foram abertos pelo Estado 15 editais para contratação. Ibirama, Alto Vale do Itajaí, foi o município com mais oportunidades. Foram 48 vagas, a maioria foi lançada, já que ninguém pôde ou quis ocupá-las.

O índice de Florianópolis de 2,54 médicos para cada mil habitantes ignora o número de pessoas que viajam do interior para consultas na Capital.

O ambulatório do Hospital Universitário (HU) teve quase metade de seus atendimentos em 2012 provindos do interior do Estado. Foram 88.349 atendimentos de moradores da Capital, contra 73.313 de outras cidades (47,5%). Entre os internados, 46,16% são de outras cidades.

Nos hospitais Celso Ramos, Nereu Ramos, Regional de São José e Infantil — 20,68% dos atendimentos em janeiro e fevereiro deste ano foram para pacientes do interior do Estado.

carolina.azevedo@diario.com.br

“

**CARLOS EDUARDO ANDRADE**  
Coordenador do Curso de Medicina da UFSC  
*Em Florianópolis, o médico vai começar a trabalhar e ir crescendo. Por que vai querer ir para o interior? Não temos infraestrutura montada lá.*

**LUÍS ERNESTO VARGAS**  
Médico que migrou do RS a Chapecó  
*Uma cidade maior tem custo de vida maior e, no interior, às vezes a remuneração pode ser melhor para o médico.*

ENTREVISTA Dalmo Claro de Oliveira Secretário de Estado da Saúde

## “O profissional quer condições e qualidade de vida”

O Secretário de Estado da Saúde Dalmo Claro de Oliveira falou sobre a procura, dos médicos pelo Litoral e a distribuição dos profissionais no Estado. Segundo ele, o Governo do Estado não pode determinar o destino dos profissionais, pois não tem como convencê-los a ir para o interior.

DC – Quais são as providências tomadas pelo Governo de Santa Catarina para a descentralização dos médicos?

Dalmo Claro de Oliveira – Nós

interferimos muito pouco nisso. Os médicos preferem estar na Capital, perto da praia, do aeroporto, da universidade. É uma série de fatores. Não temos como obrigá-los. Podemos estimulá-los. O que nós fazemos é dar mais condições aos hospitais do interior para que eles sejam mais atrativos. Estamos auxiliando hospitais regionais de referência a terem mais capacitação tecnológica.

DC – Por que três cidades, Florianópolis, Blumenau e Joinville, concentram mais médicos?

Dalmo Claro de Oliveira – São as três maiores do Estado, as mais tradicionais. Elas têm uma medici-

na mais evoluída e facultades, o que ajuda na fixação de médicos. Não conseguimos contratar no interior e faltam médicos nestas regiões.

DC – O que mais atrairia o médico para o interior do Estado? Qual o orçamento para os hospitais desta região?

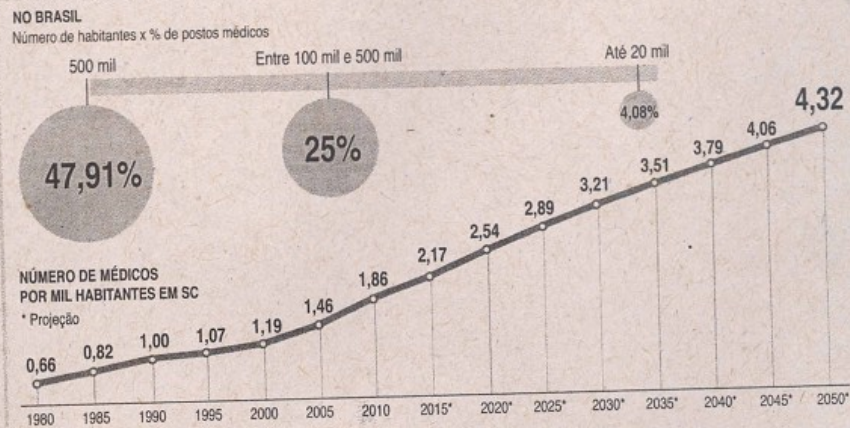
Oliveira – Primeiro a infraestrutura. O médico precisa, é gostoso, de condições de trabalho. Depois, a remuneração. E, em terceiro lugar, a qualidade de vida. Muitos médicos preferem as cidades maiores pelas instituições de ensino. Existe orçamento para os hospitais do interior, mas não tenho os dados agora.



## Contraste pode crescer

Historicamente, há um crescimento no número de médicos por habitante, de acordo com levantamento do Conselho Federal de Medicina realizado desde 1980. A previsão a longo prazo é de que Santa Catarina alcance uma média superior à existente atualmente em países referência da Europa, como na Alemanha, que registra 3,53 médicos para cada 1000 habitantes. Em 2050, Santa Catarina deve ter uma razão de 4,32 médicos para 1000 habitantes. Entretanto, segundo o coordenador do curso de Medicina da UFSC, Carlos Eduardo Andrade, se não houver uma mudança, a tendência é que o contraste entre Litoral e outras regiões aumente.

### Escalada do atendimento



## Da Costa Rica para o interior catarinense

Chapecó

O Oeste de Santa Catarina tem carências na área de saúde como a oncologia pediátrica. Mas investimentos previstos podem fortalecer Chapecó como um polo regional. Cerca de R\$ 60 milhões devem ser investidos nos próximos dois anos na ampliação do Hospital Regional do Oeste (HRO) e do Hospital Unimed, ambos em Chapecó.

O Governo do Estado lançou no final do ano passado o processo de licitação de ampliação do HRO, com custo de R\$ 31 milhões. O número de leitos passará de 319 para 475.

A Unimed vai construir um prédio com dez pavimentos e 10,6 mil metros quadrados, onde abrigará Centro Cirúrgico, novas alas de internação geral e uma UTI com 10 leitos para adultos, cinco pediátricos e cinco neonatais.

Natural de Quesada, na Costa Rica, Luis Ernesto Vargas cursou.

Medicina na Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Chegou a morar um tempo em Porto Alegre mas, depois de formado, decidiu vir para Santa Catarina. Seu primeiro emprego foi em Palma Sola, no Extremo Oeste, onde ficou um ano e oito meses.

### Na contramão dos demais profissionais

A falta de um bom colégio para os filhos o fez optar por Chapecó, onde trabalha na rede municipal e dá aula na Universidade Comunitária. Ele escolheu uma cidade que está crescendo e oferece boa estrutura para se viver e trabalhar. O médico diz que não pensa em mudar-se para o litoral:

– Não gosto do trânsito. A cidade maior tem custo de vida maior e, no interior, a remuneração pode ser melhor para o médico.

Colaborou Darci Debona



Luis vê vantagens no custo de vida de Chapecó

# CLIPPING DIGITAL

## Clipping dia 19/04/13

[Reitora da UFSC, RoselaneNeckel, participou de abaixo-assinado de alunos por mais iluminação](#)

[UFSC promove piquenique coletivo neste domingo no Córrego Grande em homenagem ao Dia da Terra](#)

## Clipping dia 20/04/13

[Prefeituras devem aderir ao Projeto Orla da SPU](#)

[Ministra admite ampliar Ferronorte para além de Cuiabá](#)

[Inscrições abertas para a Terceira Jornada de Linguagem em SC](#)

## Clipping dia 21/04/13

[Biblioteconomia, um curso promissor que têm perfil jovem e profissionais gestores da informação](#)

[Você tem dúvidas sobre a segurança na UFSC? Envie suas perguntas que o DC vai encaminhar para a reitoria](#)

## Clipping dia 22/04/13

[Trem Pé Vermelho pode ter linha alternativa para cargas](#)